

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50) NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

ANTES DO CONGRESSO

Uma ignominia viva, dissemos nós no ultimo artigo da attitudão official do partido republicano! E parece-nos que é o termo adequado ás circumstancias e proprio d'essa serie de porcarias e infamias, que constituem a direccção da democracia portugueza.

E' mais dolorosa do que nunca a situação do paiz. A *chantage* impera em todas as regiões do poder. O desrespeito pela liberdade nunca foi maior. Os tributos crescem sobre o povo, suffocado já pelos privilegios e regalias inherentes á realza. E a direccção do partido republicano, em lugar d'erguer um codigo de principios para orientar a nação, em lugar de contrapôr doutrinas aos interesses pessoas que se debatem entre a monarchia, em lugar de substituir ás formulas dos partidos realistas as formulas puramente democraticas, respeitadoras do direito e da justiça, moldadas nos preceitos populares, não discute principios, não levanta nos seus órgãos as graves questões de doutrinas, não quer programmas, não quer congressos publicos, não quer nada que seja puramente democratico e puramente livre. E depois leva a desvergonha e o descaramento tão longe, que não hesita em censurar diariamente nos papeis que lhe obedecem a falta de programmas e principios nos partidos monarchistas!

Repetimos, não será isto a ultima das ignominias e a prostituição dos seus sevendija e reles?

O partido republicano official não offerece por emquanto ao paiz senão a garantia dos seus homens. Não lhe offerece uma ideia. Não lhe offerece um principio. Não lhe dá a garantia d'uma unica doutrina. Offerece-lhe as individualidades Pedroso, Garcia, Theophilo, Magalhães Lima, Jacintho Nunes e *Alves Correia*, em troca das individualidades Serpa, Marianno, Navarro, José Luciano, Julio de Vilhena, Lopo Vaz e tantas outras. Ora individualidades por individualidades, não valem mais as individualidades republicanas que as individualidades monarchicas. Não vêem todos os democratas sinceros e bons que é esta a conclusão desgraçada a que nos leva a attitudão do directorio?

Que valem as individualidades? Menos de zero. São negativas. Mas se as compararmos, veremos que politico-intellectualmente nenhuma das republicanas vale um Marianno de Carvalho, um Navarro, um Serpa. São mais honestas? Quem o pôde affirmar? Se a vida particular é espelho da vida publica, se não se pôde separar uma da outra como o *Seculo* ultimamente tem affirmado muito bem, a vida licenciosa e devassa, que pôz o sr. Magalhães Lima á porta da morte, é demons-

tração evidente do que elle seria como homem publico. A vida particular do sr. Elias Garcia, que o tem feito escravo de todo o mundo, é prova manifesta de que seria um pessimo administrador da fazenda publica. A incoherencia e volubilidade de caracter do sr. Jacintho Nunes não deixa duvidas sobre o perigo que poderia correr a nação em lhe entregar nas mãos os seus destinos. O sr. Theophilo Braga politicamente é parvo e com parvos nem para o céu. O sr. Pedroso não é mais que um dançarino, ora republicano, ora secretario do sr. Corvo, logo republicano, logo secretario outra vez, e não nos consta que os dançarinos sejam a melhor garantia de boa seriedade politica.

Mais honestos? Em quê, elles que n'este mesmo instante estão vendendo á monarchia os destinos da democracia portugueza? E que fossem honestissimos. Não o foi o sr. Navarro tantos annos? Não foi o sr. Marianno de Carvalho, durante largo tempo, modelo de virtudes?

Se é apenas á pessoa dos dirigentes que os seus apaniguados se agarram, quem lhes diz que elles não serão os Navarros do futuro? Uma republica sem principios é uma oligarchia simplesmente. E' o peor dos regimens e a mais condemnavel das instituições. Ora sem doutrinas, sem programma, como succede hoje conosco, valendo os dirigentes republicanos individualmente muito menos que os dirigentes monarchistas, o partido republicano já não é na opposição senão uma verdadeira oligarchia. E, como todas, uma oligarchia despotica, indecente, vergonhosa, que o paiz terá de correr a acção phenico e desprezo, se a massa democratica se não erguer a tempo contra os rufões que a exploram e ludibriam.

Que attente n'isto o proximo congresso, onde não iremos segundo todas as probabilidades, mas onde irão, sem duvida, homens serios, e que resolva. D'um lado, como lhe diziamos no penultimo artigo, os dirigentes repellindo as doutrinas e preceitos democraticos. D'outro lado os dissidentes, que só fazem guerra aos homens porque defendem os principios. D'um lado os dirigentes lançando improperios contra os dissidentes, mas persistindo na mentira e na crapula. Do outro lado os dissidentes trilhando o bom caminho apesar dos improperios, defendendo a genuina doutrina democratica e esmagando os chefes com accusações irrespondiveis.

O congresso que se dispa de opiniões anticipadas; que despreze as calumnias; que se affaste dos odios e que julgue com serenidade de que lado está a verdade e a razão. Na certeza de que sobre si recabirá a responsabilidade grave do que possa succeder.

Consta-nos que o sr. Manuel d'Arriaga vae convocar uma reunião publica dos adversarios da proposta jacinthacea para n'essa reunião s'accordar sobre a attitudão de que esses elementos tomarão no proximo congresso. Que venha ella, que bem precisa é!

O LYCEU

Disseram-nos, depois do nosso ultimo artigo, que o corpo docente do lyceu, ouvido sobre o monstruoso projecto progressista, accordara em sentido favoravel.

E' pasmoso! E' incrível! Aquillo não são homens por quem tenha passado um raio tenue de civilisação. Aquillo são barbaros!

Bem diz o Zé da Caetana, que ha sertões virgens em Aveiro peiores que os sertões do Serpa Pinto. Mas o que o Zé da Caetana ainda não nos tinha revelado, é que os indigenas do sertão das *pescadeiras* são professores do lyceu nacional! Pois fique-o sabendo; ahi tem a glosa, *moteje-os* agora no seu latim espirituoso.

Ha dias, Penafiel provou ao mundo a civilisação portugueza varando a tiro um aerostato e o pobre aeronauta. Hoje o caso é mais serio. Em Penafiel foram meia duzia de labregos sem representação official e sem cultura que praticaram o attentado. Em Aveiro é a junta geral, o parlamento do districto, os delegados do povo que por isso mesmo deviam ser quanto ha de mais selecto, que attesta o progresso nacional condemnando um edificio por ser bello e opulento para casa d'instrucção! E' o professorado, são os representantes da mentalidade da nação que concordam em que a entrada do lyceu é elegante para as letras; em que o atrio é espaço para os estudantes passearem; em que as escadas são bellas para os crentes da civilisação; em que a sala da bibliotheca é grande e magestosa para a sciencia; em que os salões onde as aulas se professam tem ar e luz de mais para os mancebos d'esta terra, que querem aprender!

Repetimos:—Aquillo não são homens; aquillo são barbaros, se não veem a publico, para lustre e honra sua, desmentir este boato vergonhoso. Aveiro vingou Penafiel. Aveiro, esta cidade tão viva e tão alegre, que nós julgavamos com a pujança necessaria para empunhar a vassoura municipal e varrer d'estes lixos *progressistas*, que se acoutam no seu seio!

E' inacreditavel, porque é monstruoso, porque é selvagem o que se está passando a propósito do lyceu e dos pretextos que se invocam para tamanha monstruosidade e selvageria tão nefasta. De tal fórma monstruoso e selvagem, que o nosso artigo de domingo, não obstante as questões locais interessarem em geral só á cidade, impressionou e attrahiu as attentões em toda a

parte. Porque a questão é grave; porque a questão de local passa a ser geral para todos os que amam o progresso e a grande causa da instrucção; porque todos os espiritos lucidos ficam absortos e attonitos de que em fins do seculo desenove haja uma junta, um professorado, ou seja lá quem fór, que condemne um edificio por ser bello e ter salas de mais para lyceu.

Bello! Quando houve casa bella de mais para escolas, se a escola é o templo, a belleza por excellencia? Grande! Quando houve casa grande para lyceu, n'estes tempos de tão famosa actividade do espirito, em que as exigencias intellectuaes são tão variadas e tão vastas? Grande como e em quê, oh Antonos de Villar, que vós todos sois Antonos afinal?! Com o dinheiro que esbanjastes com o rei, para satisfazer unicamente as vaidades e negocios do sr. Manuel Firmino, promoveseis certamens agricolas. Com o dinheiro que ides agora mesmo *estragar em estragar* o lyceu, comprar livros ou exemplares de sciencia natural. Com todo o mais dinheiro, que dia a dia espoliaes ao povo para miserios negocios sujos da politica, fundae escolas agricolas ou industriaes, postos, concursos, conferencias e premios anti-phyloxericos, bibliothecas populares, e vereis como o lyceu passa de grande a ser pequeno.

Para instrucção nunca houve casa grande senão para a insignificancia e para a ignorancia, nem casa bella senão para quem traga o espirito tão turvo como as agnas do canal que nos passa ao pé da porta.

Depois, ha aqui um outro facto de importancia superior, que tem de ser attendido e respeitado por um povo que se preze. O lyceu não representa para nós uma casa qualquer, grande ou não grande, bella ou não bella. O lyceu é já hoje uma tradição historica que importa venerar, sob pena de sermos considerados no paiz um povo indigno e bestial. O lyceu é um monumento, e os monumentos, onde ha civilisação, onde ha liberdade, onde ha uma nimia ideia do que seja adiantamento e progresso, não se derrocam nem se estragam; aperfeçoam-se e conservam-se. O lyceu é um titulo de gratidão que tem Aveiro para com o espirito mais brilhante d'esta terra, e Aveiro que foi tão ingrata com o eminente tribuno emquanto vivo, que lhe tem sido tão pouco grata depois de morto, não pôde tocar na obra d'esse grande patriota sem se degradar, sem se abandalhar de todo.

Foi José Estevão que planeou o lyceu. Foi José Estevão que o fez com o seu espirito, com a sua dedicacção extrema. José Estevão amou aquillo. E haveis de ser vós hoje, ó vandalos, que haveis d'espesinhar a obra de José Estevão? E ha de esta cidade consentir que se toque no que foi anhelado e amor do nosso grande tribuno? E não ha de haver ahi um povo, uma imprensa, qual-

quer força moral da nossa terra que se opponha com toda a energia a um vandalismo tão vergonhoso e cruel?

Não haverá. Pela nossa parte resta-nos dizer duas palavras.

Somos republicanos. Como republicanos estranhos a todas as polemicas e negocios dos partidos monarchistas. Mas como alem de republicanos tambem somos patriotas, e como por isso mesmo que somos republicanos somos amigos da verdade e da justiça, nunca ficámos nem ficaremos indifferentes ás luctas da localidade que possam ferir, ou o direito ou os interesses d'esta terra. N'esse sentido apoiámos algum tanto os regeneradores, enquanto os regeneradores nos pareceram melhores de que os outros. Démos, muito conscientemente e muito de proposito o triumpho aos progressistas na eleição da commissão do recenseamento, e d'ahi lhe vieram as prosperidades todas, quando vimos que os regeneradores-constituintes eram parvos e preversos. Hoje, que os progressistas tem attentado contra tudo e conduzido esta terra ás tristes condições de burgo podre e indecente, a monstruosidade do lyceu vir-nos-ha provar que é trabalho inadiavel de patriotismo, de rectidão e de justiça, combatel-os á *outrance*.

Pois entraremos na liça. Não valem nada, bem se sabe. Mas ás vezes basta meia gota d'agua para que trasborde o copo. Não valem nada, mas vale a nossa consciencia. E a nossa consciencia manda que sobre o escandalo do lyceu se colliguem todas as opposições e que n'um combate violento, violentissimo de todas as horas e instantes, se fuzile o bando progressista.

Não terminaremos, porque nunca mais largaremos de mão esta questão importantissima.

No domingo, que temos hoje o jornal cheio com assumptos de importancia, trataremos com a energia que o caso reclama o vexame tributario e os abusos do sr. *escrivão de fazenda*. E' uma pouca vergonha, que nem ficará impune, nem perderá com a demora.

O *Damião de Goes* azeda-se e quer questão azeda. Questão alegre é que ha de ser. Que questão azeda dá trabalhos e incommodos.

Questão alegre! E como tal ha de ficar para as horas vagas. Primeiro o util; depois o agradável. Então, no domingo falaremos, que temos hoje mais em que pensar. Na certeza de que ficará com a immortalidade toda de descobrir que ninguem renega a causa democratica, nem deshonra os seus principios, nem compromette uma doutrina, nem repudia uma ideia, nem falta á coherencia passando de combater a monarchia toda a vida a ser ministro da monarchia.

Descance, que essa immorta-

lidade ninguém lh'a tirará. Socegue que essa gloria ninguém lh'a quererá. E n'esses casos é enganoso supôr que lhe desviam a questão do seu terreno.

QUESTÕES MILITARES

Pelo que taticamente e estrategicamente provámos nos ultimos artigos, comprehende-se a redução que se tem operado no mundo nos effectivos da cavallaria, a tendencia hostil que em toda a parte se manifesta clara contra as suas grandes massas e a discussão viva que em volta d'ella se vem levantando ha muito nos varios paizes, emquanto a infantaria e a artilheria permanecem indiscutíveis.

«A proporção da infantaria nos exercitos, diz Guichard, tem augmentado successivamente desde a introdução das armas de fogo, principalmente com relação á cavallaria.»

Ruslow, auctoridade de primeira ordem sem duvida, sustenta que a proporção da infantaria deve ser, pelo menos, dos 4-5 da força total do exercito e não os 2-3 que os cavalleiros imaginam e pretendem. E os 4-5 vae sendo, e mais, logo nas tropas activas de 1.^a linha, e d'ahi para cima com as reservas, em todos os paizes onde se pensa n'estas cousas a serio.

Como dissémos n'um artigo atraz, a cavallaria constituiu na idade media a massa principal dos exercitos. No seculo XVII, escreve um dos auctores acima citados, já estava *consideravelmente* reduzida, mas conservava ainda effectivos eguaes e ás vezes superiores aos da infantaria. E' assim que em 1675 o exercito de Turenne contava 10:000 cavalleiros e 12:000 infantes e o de Monte'cuculli 12:000 infantes e 14:000 cavalleiros. No principio do seculo dezoito a cavallaria diminui e já não é senão um terço e um quarto da infantaria. De 1763 a 1825, desce d'um quarto a um oitavo. Em 1780 era, em França, um setimo do effectivo total. Um oitavo ao principiarem as guerras da revolução. Em 1804, não já um setimo da força total do exercito francez, mas um setimo da infantaria simplesmente. Hoje a sua proporção relativo á infantaria nos paizes da Europa é de 1 para 9, 1 para 10, 1 para 11, 1 para 12 e até 1 para 30 (Suiza) effectivos de paz, excepto entre nós em que é de **1 para 5**. Velleidades guerreiras do velho Portugal!

E se conserva estas proporções, não obstante já serem muito mingnadas, é bem menos por necessidade do que pela tradição e pela constituição politico-social da Europa. Na França, na Allemanha, na Russia, na Austria, e até um pouco entre nós, a cavallaria é a arma dos burguezes e dos nobres. Para lá vão os fidalgos, tantos e tão poderosos ainda nos paizes do norte, os principes, que são como a praga na Allemanha, os filhos da burguezia endinheirada que se dedicam á vida das armas, todos os elementos, emfim, das classes por ora dominantes. D'ahi uma grande parte do favor e do prestigio que ainda goza a cavallaria.

Na Allemanha, a proporção, nos effectivos de guerra, da cavallaria para a infantaria é quasi d'um para onze. Proporção favoravel á nossa these, como se vê. Não obstante, ao ministro da guerra respectivo ainda lhe parecia prejudicial á infantaria, ainda temia ficar comprometido perante a critica e por isso escrevia no seu relatório ás camaras em abril de 1881:

«A cavallaria relativamente consideravel da Allemanha torna-se necessaria pela situação central d'este paiz que não exclue a possibilidade d'uma guerra feita simultaneamente por muitos lados, guerra que não poderia ser

sustentada com successo sem uma cavallaria consideravel capaz de fazer reconhecimentos a grandes distancias.»

O ministro da guerra allemão, pois, achava grande a proporção de 1 para 10, ou 1 para 9 que fosse, entre a cavallaria e a infantaria e só a justificava pela circumstancia das varias nações que cercam a Allemanha lhe investirem ao mesmo tempo as fronteiras. Argumento ou justificação que diz tudo!

Na Italia é de 1 para 12 a proporção entre a cavallaria e a infantaria. Proporção larga para esta, suppomos, salvo melhor opinião do *Diario Popular*. Apesar d'isso, instado por alguns membros do parlamento para alargar os quadros da artilheria e da cavallaria, note-se que entrava a artilheria na questão a qual tem outro valor e outro pezo, o general Ricotti, ministro da guerra, respondia por estas palavras notaveis em sessão de 16 de dezembro de 1885:

«Antes me demittiria dez vezes, se fosse possível, que tiraria á infantaria um só homem, um só centimo. Nunca transigirei n'esse ponto. Todo o augmento da cavallaria e da artilheria iria diminuir os effectivos da infantaria, quando, pelo contrario, o meu desejo seria augmentar-lh'os e robustecer-lh'os. Os nove decimos da força d'um exercito dependem do effectivo de paz da companhia d'infanteria. E' esse o segredo do poder da Allemanha.»

Mais tarde o general Ricotti abandonou o poder. E os partidarios das armas montadas insistiram no seu projecto. O novo ministro da guerra, o general Ricci, respondeu:

«Sem querer agora examinar se 692 peças d'artilheria e 42 esquadrões equivalem a 25:000 espingardas, e se é a infantaria ou a artilheria que vence batalhas, limitar-me-hei a notar que a proporção das armas especies já excede em Italia a que é admittida pelas outras nações. Na minha opinião, o projecto de lei não augmenta em cousa nenhuma o nosso poder militar e enfraquece a arma que será sempre a força preponderante nas batalhas.»

Ora se a Allemanha, tendo um cavalleiro para 10 infantes, acha que tem forças *consideraveis* de cavallaria, se na Italia dois ministros da guerra se oppõem tenazmente a que haja mais de 1 cavalleiro para 12 infantes, quem ousa pedir em Portugal, onde a proporção é de 1 para 5, o augmento da cavallaria e vociferar que não temos cavallaria de mais? Quem descobriu preterições legaes e uma freguezia de Nariz no bispado d'Aveiro. Quem suppoz triumphar com a rabulice singella de confundir os nossos effectivos de guerra com os nossos effectivos de paz. Quem ignorou que sendo o numero de soldados determinado segundo o orçamento, e que, tendo sido arbitrados, o maximo, na ultima disposição que se tomou a tal respeito, 530 soldados a um regimento d'infanteria e 480 a um regimento de cavallaria, ficou esta com o total de 5:480 praças de pret e aquella com o de 24:984. Quem depois de muitas ingenuidades, para lhes não dar outro nome, ainda esperou vê-los a seus pés implorando o perdão de termos sustentado a verdade e a justiça.

Continuaremos.

O sr. Jacintho Nunes escreveu uma carta ao *Nove de Julho*, declarando-lhe que nunca ninguém pensou no directorio em quebra dos ideias republicanos e que a sua proposta era bem explicita a tal respeito!!!

Onde chega a audacia d'estes miserios vendidos! Tão atrevida nunca a vimos.

Do ministerio das obras publicas, por ordem do ministro respectivo diz a direcção, recebe-

mos o relatório do inspector de agricultura sobre os serviços anti-phyloxericos no anno de 1886.

O sr. Navarro tem d'estas virtudes. Sabe considerar a imprensa que o engrandeceu e elevou e não esquece os modestos semanarios a quem os documentos d'aquella natureza podem ser tão necessarios e tão uteis como ao mais opulento dos diarios. Assim todos procedessem! Agradecemos.

CARTA DE LISBOA

2 de Dezembro.

O sr. Machado não ficou indiferente perante os insultos do *Seculo*. No mesmo dia em que eu pasmava, na carta que lhes escrevi a semana passada, da attitudie resignada e pacifica do correspondente da *Provincia*, enviava este as suas testemunhas ao jornal republicano exigindo uma satisfacção plena e completa pelos insultos que acabava de receber. O sr. Alves Correia, assumindo a responsabilidade da offensa, escreveu uma carta indigna aos seus representantes, os srs. Jacintho Nunes e Pedroso, e estes, occultando-se n'um subterfugio vergonhoso, recusaram dar satisfacção ao offendido. Em consequência d'isso, o sr. Machado esbofeteou na terça-feira á noute no theatro de S. Carlos o sr. Alves Correia. E no dia immediato, o *Jornal do Commercio*, como que vindo affirmar que o *Seculo* é uma boa vedeta regeneradora e não deixando mal parados os boatos que correram, e que foram origem da pendencia, de que o papel da rua Formosa obedecia a manejos do sr. Burnay, sahio-se em defeza do sr. Alves Correia e do *Seculo*!

Está no seu direito o jornal regenerador. Mas a opinião publica é que não deixa de considerar correcto o procedimento do sr. Machado e indigno e covarde o procedimento do sr. Alves Correia. O sr. Alves Correia procedeu miseravelmente. O sr. Alves Correia é um triste fracalhão. Tal é a convicção que domina toda a gente, amigos e inimigos, adversarios e partidarios.

Em primeiro logar o sr. Correia injuriou directamente e provocadamente. As palavras do sr. Machado seriam uma offensa, offensa vaga e indirecta. Não eram uma injuria. As palavras do sr. Correia foram uma injuria, injuria insultuosa, em termos de fanfarrão e espadachim. O sr. Machado não collocou a questão em pé de duello. O sr. Correia collocou-a e como tal tinha dignamente d'esperar e aceitar o desaggravamento, hesitando, levantando questões prévias, o sr. Correia era um covarde e nada mais. Procurava simplesmente ganhar tempo e eximir-se á responsabilidade.

Em segundo logar, a carta do sr. Correia é a carta d'um poltrão. Uma carta d'aquellas só a escreve quem não se quer bater. Se não fóra assim, em duas linhas o redactor do *Seculo* delegaria nas duas testemunhas o mandato de o representarem e estas procederiam como exigisse a dignidade do seu constituinte.

Portanto o sr. Alves Correia andou pessimamente. Portanto enodou-se. Portanto desceu ao nivel dos garotos. As testemunhas do sr. Machado não tinham a fazer senão aquillo. O seu constituinte fóra insultado. Era do insulto que pediam reparações. Não tinham que examinar questões prévias nenhuma, desde que o sr. Correia deixára passar a offensa, se é que fóra primeiramente o offendido.

Mas o código de duello do conde Verger de Saint Thomas, exclamava hontem o *Seculo*, impunha ás nossas testemunhas o caminho que seguiram. Não impunha tal. E o *Seculo* é tolo jul-

gando que só elle lê o *Codigo*. E' certo que esse livro, auctoridade n'estes casos, recommenda ás testemunhas, genericamente e para todas as circumstancias, o exame da questão com os seus antecedentes. Mas não é menos certo dizer na nota a que o *Seculo* se refere, mas que o *Seculo* não traduz: — *as offensas são pessoas e levantadas por aquelle a quem directamente se referem*. Ora offensas pessoas aqui foram as do *Seculo*, não foram as da *Provincia*. E por conseguinte era ao sr. Machado que competia levanta-las e considerar-se o offendido!

Diz mais o livro referido no art. 8 do Capitulo 19, pag. 167: «Se aquelle que recebeu a primeira offensa responde por uma injuria grave atacando a honra e a delicadeza, o que recebeu esta ultima injuria é que é o offendido.» Clarissimo, se não nos enganámos! O *Seculo* recebeu a primeira offensa e respondeu por uma injuria deshonrosa. O injuriado é que era o offendido e não tinha que examinar questões prévias para exigir um desaggravamento. D'onde se vê que o *Seculo* querendo impar d'espada e de sabio com a citação do código de duello do conde Saint Thomas não foi senão comprometter-se. D'onde se vê que por mais voltas que se dêem ao negocio o sr. Alves Correia apparece sempre como o peior dos poltrões e o mais infimo dos covardes.

Dirão, como dizia o *Jornal do Commercio* aliado e patrão do *Seculo*: desde que as testemunhas do sr. Machado consideraram a sua honra illibada e o seu procedimento digno, o sr. Machado devia dar por terminado o conflicto. Essa é boa! Isso seria nem mais nem menos que a impunidade para todos os patifes. Um sujeito insulta outro. Est'outro manda-o desafiar. O desafiado abriga-se detraz d'umas «vasivas miseraveis sem dar satisfacções ao offendido. E no fim, se este castigar a petulancia do adversario aqui d'el-rei que não procedeu com a maior delicadeza! E' uma boa carta branca para todos os covardes.»

Não. O sr. Machado estava desaggravado para todo o mundo. Lá isso estava. Mas nem por isso a sua conducta deixou de ser mais digna e correcta esbofeteando o redactor do *Seculo*, que sabe caluniar e insultar e não sabe tomar a responsabilidade do que escreve. Foi uma lição, que ha de aproveitar a todos os bisborrias da laia dos bisborrias do *Seculo*. Um dia um, no *Seculo* n.º 578 de 28 de novembro de 1882, insultava; sem lhe indicar o nome, o sr. Navarro a proposito de um ridiculo comicio sobre as questões do Congo da Nunciatura. Intimidados pelo actual ministro das obras publicas a declarar se se referiam á sua pessoa, tiveram a *coragem* de responder que não!

Um dia outro fugiu por becos e travessas de quem o procurava. Agora este insulta, não se quer bater e pretendia então ficar impune como todos os collegas. Não pôde ser! O sr. Machado andou bem.

—Falta agora a liquidacção dos insultos dirigidos a um supposto jornalista republicano. O jornalista monarchico desaggravou-se. E o jornalista republicano? Quererá ficar enodado e deixar em mau campo os seus collegas?

Quem escreve estas linhas não vae ha tres annos a S. Carlos. Porquê se costumasse ir alli, ainda que tivesse todas as probabilidades de que se não tratava da sua pessoa *obrigaria* o *Seculo* a pôr os pontos nos ii como já um dia o obrigou. E tivesse o sr. Alves Correia a certeza de que não seriamos mais condescendentes do que o sr. Machado!

Não vamos a S. Carlos. Não temos, pois, que resalvar o decóro que sempre procurámos zelar. E n'essas condições, não nos resta duvida alguma em apontar, como aponta a opinião publica, o

individuo atrozmente injuriado pelo *Seculo*. E' o sr. Silva Lisboa. Quererá, pela sua passividade, o sr. Silva Lisboa que todo o mundo acredite nas accusações do *Seculo*? E' inacreditavel, porque seria unico.

—O *Seculo* responde, ou antes responde no *Seculo* o sr. Trigueiros de Martel a uma certa gazeta que dissera que sua excellencia mignonne estava em dissidencia com o directorio, que sua excellencia não está tal em desacordo com os deuses, porque os deuses é quanto de melhor tem chovido do céu sobre nós.

Não sabemos bem se a tal gazeta é o *Povo de Aveiro*. Não deve ser, porque a tal gazeta disse que o sr. Trigueiros estava em dissidencia com o directorio e o *Povo de Aveiro* nunca disse tal cousa. Mas como por outro lado o *Seculo*, que nos despreza e todo o mundo sabe porque, não perde ocasião de nos responder indirectamente sempre que pôde, é muito possível que sua excellencia mignonne se entretenha conosco. Seja ou não seja, no curto espaço que nos resta e poderá ficar o mais para domingo seguinte, não se perde nada em levantar meia duzia de disparates sem nome.

Assim o sr. Trigueiros de Martel está em perfeito accordo com o directorio. Logo acceita as combinações barjonaceas. Logo admittie o sr. Jacintho Nunes republicano e ministro da monarchia. Ainda bem! Ainda bem que nos enganámos suppondo o sr. Martel melhor que os outros! Vão-se todos de roldão, o que é uma felicidade para a democracia e para o povo.

Assim o sr. de Martel é radical em Paris e oportunista em Lisboa. Pois se nós, mesmo quando julgavamos o sr. de Martel um homem honesto e ainda hoje não temos motivos para julgar que o não seja, julgavamo-lo intellectualmente, como sempre, não valendo nada!...

Assim o sr. de Martel quando é mais irrequieto que os chefes do partido, convence-se logo de que quebraria as pernas se fosse em *marcha accelerada*. Se elle já é anão, ou pouco lhe falta, vejamos como ficaria com as pernas quebradas! Tem razão o sr. de Martel em ir devagar.

Assim o sr. de Martel proclama que em Portugal é preciso ser portuguez. E então o sr. de Martel em França é francez, na Inglaterra é inglez, na Turquia é turco e na China é chim! Chim!!! Façam-no presidente da republica e Portugal não torna a ter conflictos internacionaes.

Assim o sr. de Martel confessa que se não podem fazer cousas energicas com o temperamento portuguez. Ah! Agora entende-se porque o sr. de Martel espera, proclama e confia que a Hespanha venha fazer a Republica a Portugal!

Assim o sr. de Martel entende que enquanto não vier a Republica não deve haver radicaes nem conservadores, direitas nem esquerdas, como se está vendo nos monarchicos, em que os dois lados extremos servem só um ponto central, a barriga. Oh!!! Por isso o sr. de Martel affiança que o directorio *muito sensatamente* dirige o partido republicano portuguez. O directorio muito sensatamente se está alliando com a esquerda dynastica. Já não queremos dizer fusão. Supponhâmos affiança. Supponhâmos um simples accordo. Mas como a esquerda só serve o *ponto central*, a *barriga*, na opinião auctorizada do sr. Trigueiros de Martel o directorio do partido republicano portuguez muito sensatamente está servindo o *ponto central*, a barriga. Oh!!!!

Muito sensatissimamente, é que é.

E nós a dizermos que o sr. Trigueiros de Martel não vale nada intellectualmente. Oh diabo que tal disseste! Vale, sim se-

nhores. Vale por todos os inimigos do directorio.

E permitta-nos sua excellencia que por ir muito longa esta carta não continuemos hoje. Continuaremos no domingo.

Y.

CARTA DA BARRADA

Dezembro, 3.

Vamos ter uma escola de viticultura, como já está officialmente decretada, apesar de não haver ainda casa nem terreno comprado, para ella poder funcionar.

Parece que está feita a indicação da propriedade do sr. conde de Anadia, situada na villa do mesmo nome, para ahí ser estabelecida a escola de viticultura da Bairrada. Não sabemos se a aquisição se fará por accordo entre o sr. conde e o governo, ou se a propriedade terá de ser expropriada por utilidade publica.

De qualquer dos modos, não poderá funcionar tão cedo a projectada escola, o que não impede de darmos o nosso applauso á ideia da sua creação, que representa um valioso serviço para a agricultura da Bairrada, sobretudo para o ramo vinicola que tanto carece de estímulo do ensino, para ganhar os aperfeiçoamentos de que é digno.

A propriedade do sr. conde de Anadia é muito vasta e presta-se, segundo pensamos, tanto para a cultura de vinha como para os trabalhos de pomologia de que a escola terá também de occupar-se. O que não tem, ao que nos consta, é terreno susceptível de ser alagado para os ensaios de submersão no tratamento anti-phyloxérico. O edificio destinado á escola terá também de soffrer bastantes reparos para se adaptar ao fim a que é destinado, no entretanto, como é amplo, dará espaço de sobejo para as divisões que fôr mister fazer, sem ser preciso, segundo crêmos, proceder a uma construcção nova, o que representaria o gasto de avultadas sommas. Talvez mesmo que o governo, se se dêsse ao trabalho de proceder a algumas investigações, encontrasse propriedade de menos custo do que a que tenciona adquirir no centro da villa de Anadia, onde o terreno é mais bem reputado. Talvez que, nas immediações da estação do caminho de ferro de Mogofores, perto da propriedade ou mesmo na quinta onde já esteve o viveiro official de cepas americanas, fosse possível estabelecer a escola de viticultura com menos encargos para o Estado. Que nos consta, o sr. director geral de agricultura não veio ainda á Bairrada ver pessoalmente o local onde melhor poderia estabelecer-se a escola de viticultura.

Era, pois, conveniente que, antes d'uma resolução definitiva, se procedesse a alguns estudos e informações insuspeitas sobre o local onde se podesse estabelecer a escola de viticultura da Bairrada com mais vantagem para os povos da localidade e mais economia para o Estado.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

EXPEDIENTE

Esta semana enviamos recibos para Lisboa.

Esperamos que os cavalheiros a quem elles dizem respeito os satisfaçam, logo que lhes sejam apresentados pelos respectivos empregados do correio.

Por não nos ser possível fazer toda a cobrança de assignaturas pelo correio, rogamos aos srs. as-

signantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de solverem os seus debitos á administração d'este jornal por o meio que lhes convenha melhor. E' finca que esperamos de todos.

Aos cavalheiros que com tanta pontualidade têm satisfeito os seus recibos, o nosso reconhecimento.

As localidades a que acima nos referimos são:

Alquerubim, Arada, Arruda das Vinhas, Costa de Vallade, Eixo, Esgueira, S. Bernardo e Silveiro.

Proseguem os trabalhos de fundição da estatua de José Estevão. Informam-nos de que está muito bem fundida a cabeça e os braços, dando-se já começo á moldação (n'uma peça só) do tronco e pernas, cujo trabalho tem necessariamente de ser feito com vagar e cuidado, não só porque esta peça tem difficuldade de moldação, como também por ser de grande pezo.

Calcula-se que, não havendo desastre, a estatua possa estar completamente concluída para o fim do mez de maio do proximo anno.

Está, portanto, proximo o dia em que Aveiro vae prestar uma divida de gratidão ao seu mais dilecto filho, que foi também uma das maiores glorias portuguezas.

Entrou no 5.º anno de publicação o nosso collega *Folha Constituinte*, de Agueda.

O nosso cumprimento.

Do cambista Antonio Ignacio da Fonseca acabamos de receber, para distribuir pelos nossos pobres, alguns exemplares do gentil e valioso *brinde* oferecido por aquelle commerciante a todas as pessoas que se habilitem no seu estabelecimento para a proxima loteria do Natal.

Esta generosa acção do acreditado cambista, lembrando-se dos desgraçados, dispensa qualquer elogio. Calcule-se o contentamento, o alegre Natal d'um pobresinho se tiver a dita de apañhar 250 libras de consoada!

O *brinde* consta d'uns elegantissimos chromos, devidamente numerados; e o possuidor da cedula a cujo nome corresponder o da sorte grande d'aquella loteria receberá em premio dois contos de réis em inscrições ou 250 libras á sua escolha.

A cada decimo de bilhete pertence um d'aquelles brindes; e, para que os compradores de cautelas gozem também d'aquella beneficio, a cada cautela de 600 réis competirá também um dos referidos brindes: de fórma que, quem preferir gastar em cautelas o preço d'um decimo, obterá cerca de 20 exemplares do *brinde*—isto é, outras tantas probabilidades do premio!

As pessoas da provincia que pretendam habilitar-se para a grande loteria do Natal podem fazer as suas requisições para a rua do Arsenal, n.ºs 56 a 64, Lisboa, que na volta do correio receberão a encommenda, e o respectivo *brinde*—logo que a requisição seja acompanhada da competente importancia em estampilhas, vales do correio, ou outra qualquer fórma de pagamento facilmente realisavel.

O hiate *Martins 1.º*, que antehontem vinha para entrar a nossa barra, encostou á praia de S. Jacintho, lado sul, por causa da corrente. O barco vinha do Porto em lastro para carregar sal, mas trazia agua aberta.

Tem-se como provavel que o hiate possa salvar-se, concertando-se o rombo.

Acha-se em exposição na livraria dos incansaveis editores srs. Lopes & C.ª, á rua do Almada, 123, no Porto, por alguns dias, o quadro original do sr. Gaetano Moreira da Costa Lima,

que ha de constituir o segundo brinde aos assignantes da *Historia da Revolução Portuguesa de 1820*. E' um quadro de grandes dimensões, representando uma audiencia no tribunal de Santo Officio, no momento da leitura da sentença ao condemnado.

Consta-nos que é um trabalho soberbo, que honra o seu auctor e revela o empenho com que os srs. Lopes & C.ª querem levar ao fim a grande edição patriótica que emprehenderam da *Historia da Revolução Portuguesa de 1820*.

O quadro será depois exposto em Lisboa na casa Margotteau, rua Nova do Carmo, 38.

Sahiu na quinta-feira para Coimbra um destacamento de 20 praças de cavallaria 10, sob o commando do sr. tenente Almeida.

Como os leitores já deverão saber, honve nos dias 20 e 21 do corrente sérios tumultos na Madeira, havendo uma escaramuça entre o povo e a tropa, de que resultou a morte de um soldado e quatro populares.

O conflicto deu-se na freguezia do Caniço, concelho de Santa Cruz, sendo motivado pelo aumento de contribuições da junta de parochia.

Um vapor chegado ha dias do Funchal trouxe os seguintes promenores ácerca dos tumultos:

Domingo, pelas 7 horas da noite, uma consideravel massa de povo, proferindo gritos subversivos, violentou a casa de residencia do vigario, obrigando-o a mostrar-se n'ella estava funcionando a junta de parochia. Não encontrando cousa alguma forçaram o vigario a abrir a igreja, ameaçan-lhe a vida.

Diante d'isso o parochio refugiou-se na capella do Santissimo, onde o foram buscar e trouxeram-o em seguida para o centro do templo, onde chegou então o regedor, que usando de meios suavos conseguiu modificar a attitude do povo e libertar o vigario. Continuou no adro um grande ajuntamento de povo.

Partiu para alli o administrador do concelho, com o seu secretario e com o destacamento de 30 praças estacionado em Santa Cruz, sob o commando do sr. tenente Rodrigues.

Constando que os tumultos tomariam maiores proporções foi requisitada mais força militar á auctoridade superior do districto. Esta chegou na noite immediata, na força de 40 homens, sob o commando do sr. capitão Reis. Eram 5 horas da tarde e achava-se no adro grande multidão de povo.

Em diferentes pontos da freguezia do Caniço fizeram-se então ouvir toques de buzio, chamando o povo a reunir-se.

Pelas 7 horas chegaram muitos populares da Camacha, chegando a juntar-se muito mais de mil pessoas.

Foram empregados meios suavos, com muita prudencia, afim de evitar qualquer sublevação. Nada foi possível conseguir.

Às 9 e meia da noite, exactamente no momento mais critico, chegou a força commandada pelo sr. capitão Reis, e n'essa occasião começou o apedrejamento sobre a casa do vigario e sobre a força militar sendo então lançadas algumas bombas de dynamite sobre a força.

Ficou um soldado morto e dois feridos, e por isso a força fez fogo havendo nos populares quatro mortos e diferentes feridos com gravidade. No dia immediato, ás 10 horas da manhã, o juiz de direito, delegado e mais empregados da justiça, procederam aos exames directos.

Foram presos nove individuos do Caniço e Camacha. Foi atirada uma bomba de dynamite ao administrador, não o ferindo. A ordem ficou restabelecida mas receiavam-se novos tumultos.

Recebemos o primeiro numero de um novo jornal, *O Beirão*, que principiou a sahir em Mangualde.

Mil felicidades e longa vida.

A ultima ordem de exercito transfere para cavallaria 4 o capitão de cavallaria 10, sr. José Pinheiro Mascarenhas Valdez; para cavallaria 6 o veterinario de 3.ª classe de cavallaria 10, sr. Augusto Lazaro Mourão de Mello; para cavallaria 9 o veterinario de 3.ª classe de cavallaria 6, sr. Antonio Maria Mendes Abreu; e para cavallaria 10 o veterinario de 3.ª classe de cavallaria 9, sr. Francisco Augusto Pereira Alves.

Para se avaliar da penuria do papa, veja-se o seguinte:

Leão XIII encontrou um capital deixado por Pio IX, que rende por anno 540 contos. Este capital é collocado em fundos do Estado.

O papa é um grande jogador dos emprestimos italianos. Compra fundos quando estão baratos, vende-os quando estão caros e emprega os lucros em consolidados inglezes.

O *Dinheiro de S. Pedro* rende ainda outros 540 contos, e assim tem o papa um orçamento fixo de 1:080 contos, todos gastos com os cardeaes, prelados, nunciaturas, congregações, suissos, guardas nobres, presentes, etc. Cada cardeal residente em Roma recebe por anno do Vaticano réis 3:780\$000.

Este é o orçamento ordinario. O orçamento extraordinario, que serve para a generosidade e para a caridade do papa, eleva-se pouco mais ou menos a 450 contos por anno, e provém dos rendimentos da chancellaria, emolumentos, dispensas, diplomas de condecorações, etc.

E os sotanas a berrar que o papa está pobre, para assim apañarem os cobres aos papalvos, como ultimamente succedeu em Cacia.

Sucia de impostores!

Por iniciativa do governador civil da Guarda, vae ser instituido n'aquella cidade um asylo de mendicidade.

Assignado pelo sr. A. F. Campos, lê-se o seguinte no *Independente*, de Macau. E' apenas uma amostra do que era a santa inquisição:

O general Lasael, que serviu ás ordens de Napoleão I e que, como é sabido, assaltou a casa da Inquisição de Toledo, libertando os presos que havia nos seus carceres, diz nas suas memorias sobre aquella casa o seguinte:

«Empregava eu uma hora todos os dias em conhecer o interior d'aquella mansão, a qual se chamava também *Casa Santa*, e que contudo parecia melhor um inferno. Deixei este lugar cheio de horror. Os instrumentos de martyrios, especialmente a machina para estirar os membros, os banhos de gottas causando uma morte bastante lenta, teriam enchido de pavor mesmo os guerreiros mais endurecidos nos campos de batalha.

N'uma abobada contigua á sala de audiencia secreta achava-se n'um pedestal uma estatua de madeira formada pelos frades, representando a Mãe de Jesus. Uma corôa dourada cingia a sua cabeça, tendo na mão direita uma auriflamma. Levantei o vestido de seda cheio de pregas, e vi que a deanteira do corpo estava coberta com uma multidão de pontas de cravo e de folhas de navilhas muito apertadas e agudas. Os braços e as mãos tinham articulações.

Uma machina collocada detraz de um biombo dirigia os eixos dos seus movimentos. Mandeí a um dos serventes da Inquisição que fizesse manobrar a machina. A estatua abriu os braços e fechou-os lentamente como se quizesse aparentemente estre-

tar alguém com muito carinho contra o seu coração. Tinha eu posto em lugar d'uma pobre victima, uma mochila bem cheia, pertencente a um granadeiro. A catholica *Mie de Deus* apertava-a sempre mais e mais, e os ferros finhain-se cravado tres pollegadas, ficando estendida n'elles a mochila.

O reu accusado de heresia ou de blasphemia contra Deus ou os seus santos, era levado em nome da religião a esta cova, no fundo da qual havia innumeraveis lampadas pequenas que allumiavam aquella estatua. Os sacerdotes exhortavam aos herejes movendo a Virgem para que se confessassem. «A Virgem te chama com doce carinho, lhe diziam: abre-te a divina Senhora os seus braços, o seu coração, peccador endurecido, se abrandará no seu seio, e tu te confessarás.» E effectivamente, a estatua começava a levantar os seus braços estendidos, e com um empurrão d'um christão-frade arrebatava ao estupefacto prisioneiro e apertava-o mais e mais contra si, até que as pontas lhe penetravam até o coração. E esta machina chamava-se a *Mãe Dolorosa!!!*

Foi decretado o seguinte:

Artigo 1.º E' fixado, nos termos da legislação em vigor, na quantia de 480\$000 réis para os simples recrutados, e na de réis 480\$000 para os refractarios, o preço das substituições dos recrutados do exercito e da armada no corrente anno.

Artigo 2.º O preço das remissões dos recrutados do dito anno é igualmente fixado nas mesmas quantias de 480\$000 réis para os simples recrutados, e de 480\$000 réis para os refractarios.

Artigo 3.º São permittidas unicamente as substituições nos corpos do exercito ou da armada, depois do respectivo alistamento dos mancebos recrutados, em harmonia com o disposto no artigo 9.º da lei de 4 de junho de 1859.

ENCADERNADOR

Precisa-se d'um rapaz até 15 annos, com alguma pratica, e um aprendiz.

119, RUA DIREITA, 121—AVEIRO

VENDA DE TERRENO

VENDE-SE a parte do terreno expropriado que pertenceu ao Hotel Cysne do Vouga, na rua da Alfandega.

Quem o pretender pôde dirigir-se a esta redacção, onde se darão esclarecimentos.

ESPECTACULOS

Muzeu Industrial e Commercial do Porto

Está aberto todos os dias, excepto ás segundas-feiras, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde; aos domingos abre ás 11 horas da manhã.

A entrada é gratuita, subindo-se pela escadaria do Museu, na rua do Palacio de Crystal.

BIBLIOGRAPHIA

Historia da Revolução Portuguesa de 1820.—Com a costumada regularidade, que muito recommenda os editores d'aquella obra, sahio o fasciculo n.º 19, 8.º do volume II.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

As *doidas em Paris*.—Da empresa editora Belem & C.ª recebemos a caderneta n.º 3 da segunda edição das *Doidas em Paris*, um dos romances mais notaveis e mais lisongeiramente apreciados de Xavier de Montepin.

Veja-se o annuncio.

A Martyr. — Recébeamos o fascículo 47 d'este interessante romance de Emile Richebourg, traduzido pelo sr. Julio de Magalhães e editado pela empresa dos Serões Românticos.

Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

Historia de Victor Hugo. — Sahiu o 31.º fascículo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

Veja-se o respectivo annuncio.

A Illustração Portugueza. — Recébeamos o n.º 19 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 48 d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brazileiras.

ANNUNCIOS

Venda de casa

VENDE-SE a casa de Antonio Salgado, com grandes accomodações, na rua da Praça. Para tratar com seu dono, na mesma casa.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28.000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, faz-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattimosos.

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvedo pela Junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnos, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente lanche para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

DINHEIRO PARA TODOS!!!

Mais de tres mil contos em premios á disposiçào dos freguezes de ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, rua do Arsenal, 56 a 64 — Lisboa

O CAMBISTA Antonio Ignacio da Fonseca convida para a grande loteria de Madrid de 23 de dezembro de 1887. Tem variadissimo sortimento de bilhetes, decimos, centenas, meias centenas e dezenas.

PREÇOS — Bilhetes 105.000; meios bilhetes 52.500; decimos 10.500; cantelas de 4.800, 3.600, 2.400, 1.200, 600, 480, 240, 120 e 60 réis; centenas de 480.000, 240.000, 120.000, 60.000, 48.000, 24.000, 12.000 e 6.000 réis; meias centenas de 240.000, 120.000, 60.000, 48.000, 24.000, 12.000 e 6.000 réis; dezenas de 48.000, 36.000, 24.000, 12.000, 6.000, 4.800, 2.400, 1.200 e 600 réis.

(As centenas e dezenas têm premios certos.) O cambista Antonio Ignacio da Fonseca satisfaz todos os pedidos na volta do correio, quer seja para jogo particular ou para negocio, vindo os pedidos acompanhados das importancias. As remessas são feitas pelo seguro do correio. Envia listas e planos.

Plano da loteria de 25 de dezembro de 1887

1 de 450.000\$000	4 de 11.400\$000	2 ap. 9.000\$000
1 de 300.000\$000	6 de 9.000\$000	2 ap. 5.400\$000
1 de 180.000\$000	10 de 7.200\$000	2 ap. 3.600\$000
1 de 135.000\$000	20 de 3.600\$000	2 ap. 2.520\$000
1 de 90.000\$000	2.088 de 435\$000	2 ap. 1.800\$000
2 de 45.000\$000	4.999 de 87\$000	
3 de 22.500\$000	495 ap. 435\$000	7.612 premios.

BRINDE de 2.000\$000 nominaes de inscripções ou 250 libras em ouro, com a loteria de 23 de dezembro de 1887!!!

Antonio Ignacio da Fonseca oferece a todos os seus freguezes, que se habilitarem no seu estabelecimento da rua do Arsenal, 56 a 64, Lisboa, senhas para o brinde de 2.000\$000 nominaes de inscripções ou 250 libras em ouro á escolha do feliz.

Os compradores de um bilhete têm dez senhas, meio bilhete cinco, quinto de bilhete duas, e decimos uma. De fracções, centenas, meias centenas, dezenas e cantelas, por cada compra de 600 réis uma senha. O numero feliz é igual ao que tiver as 2.500.000 pesetas.

Aos compradores das provincias são enviadas as senhas para o BRINDE com a remessa das cantelas, bilhetes ou decimos. Os numerosos freguezes do cambista Antonio Ignacio da Fonseca têm grande sortimento de cantelas e bilhetes para se habilitarem, o palpito que não falha, e o BRINDE de 2.000\$000 réis de inscripções ou 250 libras em ouro!

E não perderem tempo em se habilitarem para a GRANDE LOTERIA DO NATAL na casa de

Antonio Ignacio da Fonseca LISBOA

400\$000 réis a realizar em seguida com 10\$000 réis negocio absolutamente novo, RECOMENDADO PELA IMPRENSA, muito honrado, unico e sem precedentes, não tendo nada de commum nem com o jogo, nem com a Belsa, nem com as loterias. Absolutamente nenhum risco. GARANTIA E SEGURANÇA. Um correspondente portuguez está addido á casa, explicações importantes são dirigidas gratuitamente a todo o mundo. MOMENTO UNICO. Escrever em seguida a Pariz a ALEX & C.ª, 8, Rue de Bay...

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos; é em geral ros debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

ANGELO DA ROSA LIMA

COM OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commo-das, meias commo-das, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

PUBLICAÇÕES

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 19 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de CLAVEL & C.ª

EDITORES

Porto — 119, Rua do Almada, 123 — Porto

A EDIÇÃO MAIS COMPLETA E MAIS ECONOMICA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CODIGO ADMINISTRATIVO

AGOSTINHO DE CEUTA

Approvedo por decreto de 17 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmoCodigo, publicada até hoje, incluindo a lei das aposentações e reformas dos empregados civis, a reorganisação do Tribunal de Contas, o bill de indemnidade, que altera algumas disposições do mesmoCodigo, a nova lei do recrutamento, a tabella dos emolumentos administrativos e um copioso repertorio alphabetico.

Quarta edição

Preço brochado, 300 réis; encadernado, 400 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

A MARTYR

POR

EMILE RICHEBOURG

Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 100\$000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo oportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 240 réis

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approveda por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatorio.

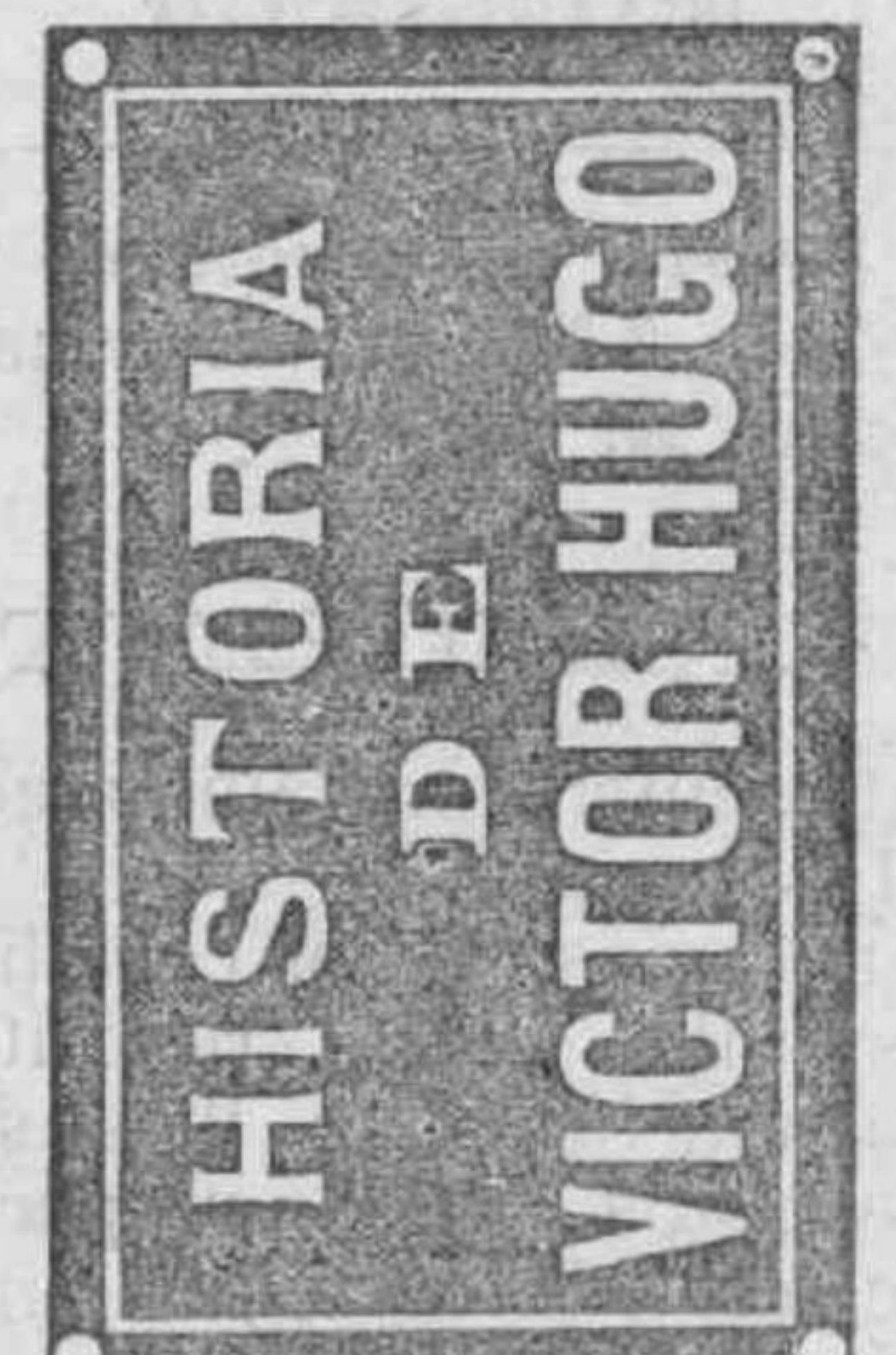
Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar

a sua importancia em estampilhas Á LIVRARIA CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

NOITES ROMANTICAS

EMPRESA EDITORA

F. N. Collares.



80 réis cada fasciculo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa. Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 49.